

Autores escandinavos:

Romancista **Selma Lagerlöf**

Realizadores:

Mauritz Stiller

Carl Theodor Dreyer

Victor Sjöström

Ingmar Bergman in Geoffrey Wagner, *The Novel and the Cinema*, Londres, The Tantivy Press, 1975: 29

“Film has nothing to do with literature; the character and substance of the two art forms are usually in conflict... We should avoid making films out of books. The irrational dimension of a literary work, the germ of its existence, is often untranslatable into visual terms – and it, in turn, destroys the special, irrational dimensions of the film”

Ingmar Bergman, O Sétimo selo (1957)



Ingmar Bergman in Douglas Garrett Winston, *The Screenplay as Literature*, Londres, The Tantivy Press, 1973: 60

“(...) a palavra escrita é lida e assimilada por um acto consciente da vontade em aliança com o intelecto; pouco a pouco afecta a imaginação e as emoções. O processo é diferente com um filme. Quando temos a experiência de um filme, dispomo-nos conscientemente para a ilusão. Pondo de lado a vontade e o intelecto, abrimos espaço para ele na nossa imaginação. A sequência de imagens actua *directamente* nos sentimentos.”

Jane Magnusson, *Bergman – Um Ano,*
Uma Vida (2018)

“Cinema de câmara” ou *Kammerspielfilm*

Filmes de Ingmar Bergman:

- **Cenários claustrofóbicos**
- **Número reduzido de personagens**
- **Agressões verbais**
- **Ódio e amor reprimidos**

Temas de Ingmar Bergman:

- **Solidão do ser humano**
- **Morte de Deus**
- **Turbulência na célula familiar**
- **Relação conturbada entre o casal**
- **Incesto camuflado**
- **Amor / ódio ao outro**
- **Desejo sexual reprimido**
- **O mundo das mulheres**

Cenas da Vida conjugal, Ingmar
Bergman (1973)

A hora do lobo, Ingmar Bergman
(1968)

A máscara, Ingmar Bergman (1966)

Sonata de Outono, Ingmar Bergman
(1978)

Ingmar Bergman Cit. *in* Michel Ciment, Yann Tobin, ed. lit., “Dossier Ingmar Bergman”, *Positif*, nº 497 / 498, Julho / Agosto de 2002: 35

“Quanto mais violenta, crua, terrível, brutal, inconveniente for uma cena, mais indicado é tornar a câmara um agente de comunicação objectivo. Se a câmara se mexe e começa a dispersar-se um pouco por todo o lado, perdemos muito do efeito pretendido (...) e ao manter a câmara imóvel, o efeito é muito mais brutal, muito mais drástico e muito mais verdadeiro.”

Baecque, Antoine e Parsi, Jacques, *Conversas com Manoel de Oliveira*, Porto: Campo das Letras:141

“O plano ganha outro sentido com a sua duração. Vêm-se outros movimentos e pormenores. Dispõe-se de tempo. Vê-se a luz, o enquadramento e o efeito emocional evolui. [...] Não se passa nada, mas passou-se alguma coisa.”

***Morangos Silvestres*, Ingmar Bergman**
(1957)

Verão de amor, Ingmar Bergman
(1951)

“O ódio sincero deve ser respeitado e é o que faço, mas não me importo se me odeias. Mal existes para mim.”

Ingmar Bergman, *A sede* (1946)

“Eu não desejo estar só e independente, isso seria pior que o inferno que estamos a viver, porque somos dois para o atravessar.”

Soren Kierkegaard, *Diário de um sedutor*, Lisboa,
1971: 23

**“If you marry, you will regret it; if
you do not marry, you will also
regret it.”**

Gift:

- Casamento

- Veneno

Música em *Saraband*:

**Quarto andamento da quinta “Suite para
Violoncelo Solo” de Bach**

- **Brahms**
- **Bruckner**
- **Hindemith**
- **Alban Berg**

Ingmar Bergman *in* site da Fundação Ingmar Bergman: <http://www.ingmarbergman.se>

“A Sarabande is actually a dance for couples. It’s described as a very erotic and was banned in the 16 th-century Spain. [...] The film follows the structure of the Sarabande: there are always two people who meet.”

Ingmar Bergman *in site* da Fundação Ingmar Bergman:
<http://www.ingmarbergman.se>

“Film and music are much the same. They are means of expression and communication that bypass man’s reason and touch His emotional centers. [...] When you hear one of the last symphonies by Mozart, [...] suddenly the roof opens up to something that is bigger than the limitations of the human being. [...] To make a film is to try to open up the roof – so we can breathe.”

Cenas da vida conjugal, Ingmar
Bergman (1973)

Face a face, Ingmar Bergman (1976)

Ingmar Bergman, cit. in. Charles B. Ketcham, *The influence of Existencialism on Ingmar Bergman. An analysis of the Theological Ideas Shaping a Filmmaker's Art*, Vol. 5 – *Studies in Art and Religious Interpretation*, Lewiston/Queenston, 1986: 343

“Jenny stands for a long time at the door looking at the two old people and the way they belong together, moving slowly in toward the mysterious and awful point where they must part. She sees their humility and dignity and for a short moment she perceives... that love embraces all, even death.”

Liv Ullmann Cit. *in* Vasco Câmara, “Ingmar Bergman. Há muito tempo...”, “Y Cinema”, *Público*, 14 de Janeiro de 2005: 12

“Isso é comum nos filmes dele [Ingmar Bergman]. Ele parece confiar mais em que as mulheres mudem, aprendam qualquer coisa com o que lhes acontece, ao contrário dos homens. O que é estranho, porque ele é um homem, mas nunca permite que os homens mudem. (...) Diria que é um escritor de mulheres: é um bom realizador tanto de homens como de mulheres. É um pouco como Henrik Ibsen: reconhece coisas nas mulheres que muitos escritores homens jamais conseguem. E isso é muito pessoal e as mulheres não dizem: ‘Oh, no fundo, ele não sabe.’ Porque ele sabe. E também tem um grande respeito pelas mulheres, ouve-as, o que nem sempre acontece com os homens.”

François Ozon, *Sous le sable* (2000)